

LIÇÃO SEXTA

372. Depois que o Filósofo mostrou o modo de recordar, ele explica aqui duas coisas que foram mencionadas acima. A primeira é como o recordar difere do reaprender; a segunda é que é necessário que a pessoa que recorda comece a partir de pontos de partida, nas palavras: "Mas é necessário obter um ponto de partida, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, mostra como a reminiscência difere do reaprender; depois, como a reminiscência difere do redescobrir, nas palavras: "Todavia, muitas vezes, etc."

Sobre o primeiro ponto, deve-se notar que tanto aquele que recorda quanto aquele que reaprende recuperam o conhecimento que foi perdido; mas aquele que recorda o recupera sob a formalidade de memória, com referência, a saber, ao que foi previamente conhecido. Aquele, porém, que reaprende o recupera absolutamente, e não como se fosse de algo previamente conhecido. Ora, como não alcançamos o conhecimento do desconhecido senão a partir de alguns princípios já conhecidos, é necessário que os princípios dos quais procedemos para conhecer o desconhecido sejam do mesmo gênero, como é evidente no primeiro livro dos *Analíticos Posteriores*. Portanto, é necessário que uma pessoa que recorda proceda de coisas lembradas como um ponto de partida a fim de recuperar o conhecimento sob a formalidade de memória, o que não é o caso no reaprender.

373. Portanto, ele diz que a reminiscência difere do reaprender nisto: uma pessoa que recorda tem, de algum modo, a capacidade de ser movida a algo que está conectado a uma coisa anterior retida na memória. Por exemplo, quando alguém, recordando que algo lhe foi dito, mas tendo esquecido quem o disse, usará o que tem em sua memória com o propósito de recordar o que esqueceu. Todavia, quando não consegue recuperar o conhecimento perdido através do ponto de partida retido na memória, mas através de algo diferente que lhe é proposto novamente por um mestre, não é nem memória nem reminiscência, mas aprender de novo.

374. Depois, quando ele diz: "Todavia, muitas vezes, etc.", mostra como o recordar difere do redescobrir. Ele diz que frequentemente um homem não pode recordar agora o que esqueceu, porque os movimentos pelos quais pode chegar ao que busca recordar não permanecem nele. Mas, se buscar (o conhecimento) como que de novo, pode proceder a um conhecimento daquela coisa, e muitas vezes encontra o que está buscando como se estivesse adquirindo conhecimento novamente. Isso acontece quando a alma está pensando em coisas diversas e é movida por muitos movimentos, e se acontece de acertar o movimento com o qual o conhecimento da coisa está conectado, diz-se que a descobre.

375. Portanto, embora possa descobrir, não pode recordar, porque a reminiscência ocorre na medida em que um homem retém interiormente uma certa aptidão ou capacidade de conduzir-se aos movimentos da coisa que busca. Mas isso ocorre quando ele pode conseguir ser movido pelo

movimento que perdeu pelo esquecimento; isso (deve acontecer) por si mesmo, e não por alguém que ensina, como acontece quando reaprende; e a partir de movimentos já possuídos, não de movimentos novos, como quando redescobre, conforme foi dito.

376. Depois, quando ele diz: "Mas é necessário obter um ponto de partida, etc.", mostra que é necessário que a pessoa que recorda comece a partir de um ponto de partida. Sobre isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra o que se propôs a fazer; depois, atribui uma causa do defeito que às vezes sofremos ao recordar, nas palavras: "A causa de alguém ora recordar, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz três coisas. Primeiro, expõe o que pretende. Ele diz que é necessário que uma pessoa que deseja recordar tome um ponto de partida do qual comece a ser movida, seja pensando, seja falando, seja fazendo alguma outra (operação).

377. Depois, onde diz: "Por causa disso, etc.", mostra o que disse através de um sinal. Ora, porque é necessário que a pessoa que recorda tome algum ponto de partida do qual comece o processo de reminiscência, (descobrimos que) os homens às vezes parecem recordar a partir dos lugares nos quais as coisas foram ditas, ou feitas, ou pensadas. Usam o lugar como um certo ponto de partida para recordar, porque o acesso ao lugar é um certo ponto de partida para todas aquelas coisas que são feitas no lugar. Por isso, Cícero ensina em sua *Retórica* que, para recordar facilmente, é necessário imaginar certos lugares ordenados nos quais os fantasmas daquelas coisas que desejamos recordar são dispostos em uma certa ordem.

378. Depois, quando ele diz: "Todavia, a causa é, etc.", mostra o que propôs por meio de uma causa, dizendo que a razão pela qual é necessário que a pessoa que recorda tome um ponto de partida é que os homens, por um certo vaguear da mente, passam facilmente de uma coisa a outra por razão de semelhança, ou contrariedade, ou proximidade. Por exemplo, se pensamos ou falamos de leite, passamos facilmente a branco por causa da brancura do leite; e de branco a ar, por causa da claridade do meio transparente da luz que causa a brancura; e de ar ao úmido, porque o ar é úmido, e da umidade chegamos a uma recordação do Outono, ao qual chegamos por razão de contrariedade, porque esta estação é fria e seca.

379. Depois, quando ele diz: "Todavia, parece, etc.", mostra que tipo de ponto de partida a pessoa que recorda deve tomar. Ele diz que o universal parece ser o ponto de partida e o meio pelo qual se pode chegar a tudo. Todavia, o universal de que se fala aqui não é aquele de que se fala na Lógica; a saber, aquilo que é predicado de muitas coisas; mas (é) aquilo a partir do qual se costuma ser movido a coisas diversas. Por exemplo, se alguém, depois (da apreensão) de leite, é movido à brancura e à doçura; e da brancura a outras coisas, como foi mencionado; e depois, novamente, da doçura ao calor digestivo; e ao fogo; e conseqüentemente a outros pensamentos, o leite é como um universal para todos esses movimentos. Ora, é necessário recorrer a este (ponto de partida) se se deseja recordar as conseqüências de qualquer coisa que seja, porque, se não se recorda previamente as conseqüências de algo através de outros pontos de partida subsequentes, ao menos se poderia recordar quando se chega àquele primeiro ponto de partida universal. Ou, se não se recorda então, não se pode recordar de nenhuma outra fonte.

380. Ele dá o exemplo de diversos pensamentos (expressos) por diversas letras: A, B, G, D, E, Z, S e T. Ele enumera estas letras segundo a ordem do alfabeto grego. Contudo, ao recordar, a mesma

ordem não é (seguida); mas deve-se conceder que alguém que pensa ou fala de B poderia passar a A; (pensando ou falando) de A, às vezes a E, às vezes a G, ou às vezes a D, ou às vezes a E; (pensando ou falando) de G, às vezes a I, às vezes a A. Portanto, se alguém não recorda o que está sob G, pode recordar o que está sob E, se chega a E, e a partir dele é movido a duas letras; a saber, a E e a D. Mas talvez não tenha buscado E nem D, mas tenha buscado S ou Z; então, recordará ao chegar a G. Mas como não sabemos se o que buscamos está contido sob E ou sob G, é necessário recorrer a A, que é como um universal com respeito a todas as letras. É sempre necessário proceder desse modo; por exemplo, se B fosse ainda mais universal do que A.

381. Todavia, a disposição mencionada pode ser entendida de outro modo, de maneira que se venha de A diretamente a G, mas lateralmente (de) B a A, de G lateralmente a I, e daqui, então, diretamente a T, do qual (se poderia chegar) a D e E. Portanto, ele (Aristóteles) diz que se alguém recorda em E, que é a última, chega a T, que é precedente. Se, porventura, não recorda em T, porque o que busca não está contido sob ele, recorrerá a G, sob o qual certas outras (letras) estão contidas; por exemplo, A e Z; e depois disso a A, como foi dito, sob o qual B também está contido. Isso pode ser observado na linha proposta.

382. Depois, quando ele diz: "A causa de uma pessoa ora recordar, etc.", atribui a causa do defeito que as pessoas que recordam sofrem. Primeiro (considera) o caso de não recordar de modo algum; e, em segundo lugar, o caso de uma recordação defeituosa, onde diz: "E uma vez que, etc."

Portanto, ele diz primeiro que, porque acontece que, a partir do mesmo ponto de partida do qual alguém é movido a coisas diversas, é movido mais frequentemente a uma do que a outra; portanto, mesmo dado o mesmo ponto de partida, os homens às vezes recordam e às vezes não. Por exemplo, se alguém fosse movido de G a E e D, (será movido) mais vezes a um do que a outro. Onde, dado este (ponto de partida), recorda facilmente aquilo em direção ao qual está mais frequentemente acostumado a ser movido. Mas, se não é movido pelo "caminho antigo"; isto é, por aquele pelo qual está mais acostumado a ser movido, é movido por um caminho menos acostumado; e, portanto, não recorda facilmente, porque o costume é, por assim dizer, uma espécie de natureza. Pois, assim como as coisas que existem por natureza são formadas e reparadas facilmente — porque as coisas retornam rapidamente à sua própria natureza pela inclinação da natureza (como é evidente pela água quente que retorna rapidamente ao frio) —, assim também recordamos facilmente as coisas que consideramos muitas vezes pela inclinação do costume.

383. Ele mostra que o costume é como uma natureza por isto: assim como na natureza há uma certa ordem pela qual algo vem a ser depois de algo outro, assim também, quando muitas atividades se sucedem umas às outras em uma ordem, produzem uma espécie de natureza. Isso ocorre especialmente nas atividades dos animais, em cujos princípios (de ação) uma coisa está imprimindo, e outra está recebendo a impressão dos sentidos. Portanto, aquelas coisas que vimos ou ouvimos frequentemente são mais firmemente fixadas na imaginação à maneira de uma espécie de natureza. Assim, por exemplo, a multiplicação da impressão de um agente natural opera em direção à forma que é a natureza da coisa.

384. Depois, quando ele diz: "Visto que naquelas coisas que estão no âmbito da natureza, etc.", mostra a razão pela qual às vezes recordamos defeituosamente. Ele diz que, assim como naquelas

coisas que são segundo a natureza, algo pode ocorrer que está fora da natureza, o que acontece por acaso ou fortuna, como se vê nas partes dos animais, assim, muito mais, algo irregular e fora da intenção ocorre naquelas coisas que são segundo o costume, o qual, embora imite a natureza, carece, contudo, de sua firmeza. Portanto, mesmo nesta matéria; isto é, nestas coisas que recordamos pelo costume, o recordar opera de modo diferente em ocasiões diferentes, e isso acontece por causa de algum impedimento; por exemplo, quando alguém é distraído "daí"; isto é, do curso acostumado para algum outro. Isso é evidente no caso daqueles que dizem algo de memória, pois, se sua imaginação é distraída para algo diferente, perdem o que deveriam dizer ou o dizem defeituosamente. Por esta razão, quando alguém precisa recordar algum nome ou alguma palavra, produz a palavra de um modo diferente daquele que conhece (conserva).

385. Finalmente, ele resume a seção (dizendo) que a reminiscência ocorre segundo o modo antes mencionado.

Revision #2

Created 8 October 2026 22:13:32 by Admin

Updated 8 October 2026 22:17:12 by Admin